

Vicente Leporace

Roselita Lopes de Almeida Freitas¹

Resumo

Marco no radiojornalismo paulista nos anos 1960 – 1970, Vicente Leporace criou e apresentou o programa “O Trabuco” durante dezesseis anos seguidos. Apresentado como um informativo matinal, o programa consistia na leitura diária das notícias veiculadas nos principais periódicos do país, seguidas de comentários e críticas sobre as mesmas. O teor desses comentários era sempre ácido e através de considerações inteligentes e com acentuado teor cômico, o radialista abordava diversas situações sobre o comportamento dos políticos na época.

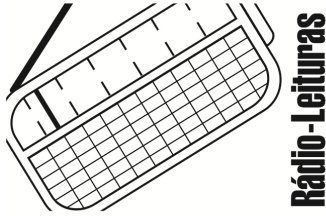
Palavras-chave: Radiojornalismo, Política, Linguagem, Rádio Bandeirantes, Regime Militar

109

Introdução

Da posse do presidente João Goulart, em 7 de setembro de 1961 transcorreram alguns momentos de calma na situação política do Brasil, mas com o parlamentarismo, ainda exigia mudanças. Na noite de 15 de março de 1964, Leonel Brizola discursa no “Comício da Reforma”, na Central do Brasil, RJ, pedindo um governo popular-nacionalista e uma Assembleia Nacional Constituinte. No mesmo evento, o presidente João Goulart em discurso inflamado defende as reformas de

¹ Doutora em Estudo dos Meios e da Produção Midiática, junto ao departamento de jornalismo da ECA / USP (2008), com a tese “Notícias do Bandeirante - O Jornalismo de Rádio e TV na Bandeirantes” e mestre em Ciências da Comunicação junto ao departamento de Imagem e Som da ECA / USP (2000), com a dissertação “Comunicação, Tecnologia e Educação: Interfaces das Novas Tecnologias na Relação Ensino Aprendizagem” publicada em livro em 2006. Tem ampla experiência em Rádio e TV, na função de diretora artística de programas. Já produziu e/ou atuou nas seguintes emissoras: Globo, SBT, Tv Cultura e Band. É diretora da empresa Argonauta Vídeo Produções. Leciona na Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM e na Faculdade Cásper Líbero, nos cursos de publicidade e propaganda e Rádio e TV.
Email:



Vicente Leporace

Roselita Lopes de Almeida Freitas

base, pregando a desapropriação de latifúndios improdutivos, a encampação das refinarias de petróleo, o tabelamento dos aluguéis e a reforma tributária.

A manifestação desagrada profundamente os conservadores que articularam um golpe e o clima torna-se ainda mais tenso quando Marinheiros e Fuzileiros amotinam-se no Rio em 26 de março do mesmo ano, na intenção de acuar o Ministro da Marinha, Sylvio Borges de Souza Motta, que impedira um pronunciamento do comandante dos Fuzileiros Navais, o almirante Cândido Aragão.

O exército intervém, prendendo os revoltosos. Frente ao impasse e utilizando como interlocutores os dirigentes do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), João Goulart propõe uma solução conciliatória, libertando os amotinados e destituindo o ministro.

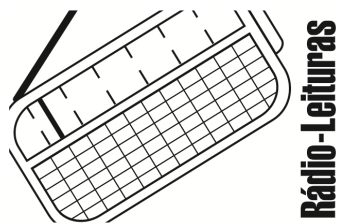
Para os militares, o presidente havia posto em xeque a hierarquia e a disciplina, fato este que convenceu os últimos opositores ao golpe militar.

No dia 31 de março, tropas de Minas Gerais e São Paulo marcham em direção ao Rio de Janeiro, onde estava o presidente. Jango viaja para Brasília e depois para Porto Alegre, enquanto os golpistas ganham terreno. Oportunamente a oposição faz uma manobra e consegue declarar vaga a Presidência da República.

Segundo Ferraretto (2000), no Rio de Janeiro as Rádios Nacional e Mayrink Veiga, e no Rio Grande do Sul, a Rádio Farroupilha, ainda tentaram reeditar a “Cadeia da Legalidade” exultando o povo para aguardar orientações de Leonel Brizolla e João Goulart, mas Jango prefere evitar uma guerra civil e não se pronuncia.

Na tomada do governo, os militares começam suas ações cassando os direitos políticos dos derrotados e na seqüência, iniciam-se uma série de repressões, prisões, torturas, censuras e cassações de concessões de radiodifusão.

A evolução da tomada de poder pelos militares, distribuindo censuras, vigilância e prisões, tornou-se ainda mais forte com a divulgação do Ato Institucional



no. 5 (AI - 5), em 29 de setembro de 1969. O Brasil vive os anos da ditadura militar entre 1964 e 1985.

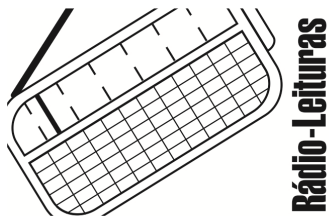
1. O radiojornalismo paulista nos anos 1960

Na época, as empresas de radiodifusão procuraram se adequar a censura e conduta do regime. Algumas empresas se adequaram ao sistema e outras tentaram de alguma forma se pronunciar, ainda que com dificuldades. Neste contexto, a Rádio Bandeirantes em São Paulo numa tentativa de inovação, começou a trabalhar a linguagem de radiojornalismo, com programas diferenciados em formato e conteúdo, sob a orientação de um discípulo do grande jornalista Hermínio Sacchetta - Alexandre Kadunc - que na definição de João Saad em entrevista a autora (1999): “...era um talento, um gênio, fantástico, genial mesmo, amante do jornalismo, amante da verdade, preparado”.

Numa tentativa de se colocar lado a lado com a Rádio Tupi, líder de audiência em termos de noticiário na época, com o seu “Grande Jornal Falado Tupi”, a Rádio Bandeirantes colocou no ar o “Jornal Falado Primeira Hora”, transmitido simultaneamente para o Rio de Janeiro e São Paulo e inovou o setor, colocando em vez de um - quatro locutores para apresentar o jornal. Todos eles tinham vozes graves, bonitas, que se destacavam no rádio naquela época. Além disso, apresentava textos de bons redatores e, assim, o jornal logo despontou e passou a liderar em São Paulo.

Os avanços tecnológicos que vieram com os anos 60 possibilitaram a sobrevivência do rádio, mesmo diante das dificuldades políticas, baixando o custo da produção de informação. Os textos criados para rádio a partir dessa década utilizavam recursos expressivos que conotavam uma impressão de realidade mais naturalista, tentando certa espontaneidade no discurso mais improvisado.

Nesse momento de desenvolvimento da linguagem jornalística radiofônica, introduziu-se também a “sonora”, que permitia uma variação de vozes que quebrava o



Vicente Leporace

Roselita Lopes de Almeida Freitas

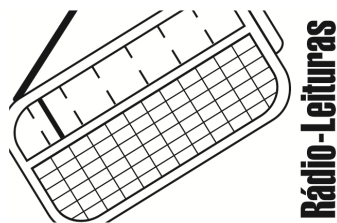
tom monocórdio, valorizando as “declarações”, em vez do puro relato do fato. O resultado disso foi a pluralidade de vozes, a agilidade e também uma maior credibilidade com os depoimentos.

Na gestão Kadunc, na década de 60, além do „Primeira Hora“, criaram-se ainda na Bandeirantes, os programas “Titulares da Notícia”, “O Correspondente Renner” e “O Trabuco”² - todos com novas linguagens e formatos, que possuíram grande audiência, e que certamente serviram de inspiração ou referência para programas de outras emissoras.

2. O Trabuco

Em 1962, para compor esse projeto de inovação, a Rádio Bandeirantes Paulista contratou o radialista Vicente Leporace para apresentar um programa de criação sua: “O Trabuco”, que ficou no ar durante dezesseis anos seguidos e só acabou com a morte do radialista em 16 de abril de 1978, de edema pulmonar aos 66 anos de idade, quando contabilizava 45 anos de profissão. O programa se caracterizava pela leitura diária de notícias veiculadas nos principais jornais do país, seguidas de comentários e críticas, que sempre se apresentavam agudas e contundentes. O radialista deixava claro, que seus comentários e críticas eram de sua inteira responsabilidade, o que acabou por torná-lo um sujeito popular e com forte postura de defensor das classes menos favorecidas. Vicente Leporace nasceu em Franca - SP. Aos 16 anos foi trabalhar em uma loja de equipamentos eletrônicos para rádio, onde fez amizade com os funcionários da Rádio Clube Hertz; já nesta idade, demonstrava grande interesse pelo rádio.

² Segundo o dicionário Michaelis: sm (lat trabucchu) 1 Antiga máquina de guerra com que se arremessavam pedras. 2 Espécie de espingarda de um só cano, curto e de grosso calibre. 3 Grande charuto ou charuto ordinário.

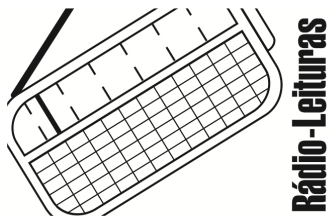


Segundo Cosso, Andrade e Bianchini (2003, p.06), certa vez na falta de um funcionário da Rádio, um produtor que ficou amigo de Leporace o chamou para uma substituição na tarefa de fazer os anúncios e trocar os discos. Depois dessa experiência, Vicente acabou sendo convidado para integrar a equipe da Rádio amadoramente. Entusiasmado com a nova função, Leporace logo deixou a loja e foi trabalhar na Hertz, onde ficou por dois anos. Durante a revolução de 1932, sua família mudou-se para Santos, e em 1934, Leporace ingressou na recém-inaugurada Rádio Atlântica de Santos, onde fazia locução comercial e radioteatro. Depois, na década de 50, já em São Paulo, foi para a TV Record fazer televisão.

Antes de sua entrada na Rádio Bandeirantes AM, Leporace já tinha grande bagagem profissional, foi redator, locutor, programador, discotecário, radioator, apresentador de televisão (Gincana Kibon com Clarice Amaral - Canal 7 - SP), ator de cinema e televisão, entretanto afirmava que não gostava de televisão, seu negócio era o rádio. Seu programa na Rádio Bandeirantes AM, “O Trabuco”, estreou em 1º de abril de 1962 - era um informativo matinal que consistia na leitura diária das notícias veiculadas nos principais periódicos do país, seguidas de comentários e críticas.

O teor desses comentários era sempre ácido, onde através de considerações inteligentes e com acentuado teor cômico ele abordava diversas situações sobre o comportamento dos políticos na época. Segundo Salomão Ésper, em entrevista a autora (2006), o nome atribuído ao programa se tratava não somente da alusão à arma de ataque e defesa, mas também a um povoado da terra dos pais de Leporace - a Calábria que, estando dominada por tropas invasoras, mantinha a comunicação de seus habitantes pelo método de boca a boca, originando o neologismo “trabuque”, “entre boca”, ou o que não podia ser dito em voz alta.

O caráter do programa já se mostrava no jingle de abertura : “Seu Leporace agora com trabuco, vai comentar as notícias dos jornais, seu Leporace agora com trabuco, vai dar um tiro nos assuntos nacionais”.



Vicente Leporace

Roselita Lopes de Almeida Freitas

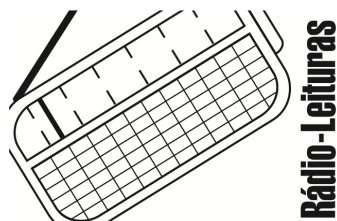
Das provocações que fazia no ar, observamos: “...nós temos um almirante que nunca entrou numa canoa, chama-se Amaral Peixoto” Com a entrada na Rádio Bandeirantes, Leporace que já era famoso como locutor e apresentador, aumentou ainda mais sua popularidade. O programa atendia perto de dez ouvintes por dia e recebia quase 300 cartas por semana e era transmitido diariamente, exceto aos domingos, das 8 às 9 horas da manhã, tendo como slogan: “Um tiro nos assuntos nacionais”.

Certa vez, num comentário sobre política, Leporace se dirigiu ao ex-ministro do Planejamento Roberto Campos – como “Bobby Fields” e o radialista se surpreendeu quando um dia, com o programa no ar, o próprio ministro entrou nos estúdios. A brincadeira acabou numa entrevista que durou quase duas horas.

Na época, comentando a inauguração da segunda pista da via Dutra, estrada que liga São Paulo ao Rio de Janeiro, famosa pelo número de acidentes, comentou: “Ótimo: agora se morre na ida e na volta.”

O radialista também era procurado por gente da periferia de São Paulo e atendia queixas das mais diversas: denúncias de falta de luz e buracos na rua, problemas de aposentados, dificuldade no trânsito, e assim por diante. Vicente Leporace fazia questão de deixar bem claro que assumia a inteira responsabilidade pelos conceitos e críticas que fazia que sempre se mostravam mordazes, contundentes e temidas; transformou-se num então num autêntico defensor dos menos favorecidos, que tinham no radialista um bravo, um lutador obstinado por um Brasil melhor, principalmente no aspecto político, social e econômico.

É interessante perceber que a conforme afirmaram os entrevistados para este trabalho, o radialista se apresentava como uma mistura de jornalista e comentarista, que tinha a preocupação de sempre checar se a informação era confiável e ordená-la de forma que o leitor/ouvinte pudesse entendê-la. Com críticas sempre mordazes, contundentes e temidas, Vicente Leporace deixava sempre muito claro que assumia a



inteira responsabilidade pelos conceitos e críticas que fazia, o que acabou por o transformar em um autêntico defensor dos menos favorecidos, que tinham no radialista, um bravo, um lutador obstinado por um Brasil melhor, principalmente no aspecto político, social e econômico.

No formato do programa, havia ainda um espaço para leitura de cartas, onde os ouvintes solicitavam ao radialista que usasse seu programa para sensibilizar as autoridades sobre as necessidades da população.

Em Cosso, Andrade e Bianchini (2003, p.12) encontramos a seguinte afirmação do apresentador:

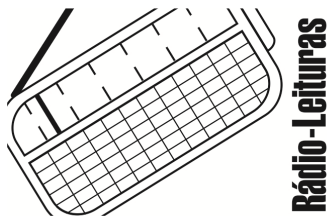
Eu sempre fui contra a injustiça, uma consequência da minha criação. Espontaneamente sempre tive o impulso de defender gente injustiçada. Infelizmente, estamos num país onde o dinheiro fala mais alto do que tudo e o nome tem mais valor que o indivíduo.

115

3. O Trabuco e a “Justiça”

Na década de 70, o ponto de vista da autoridade militar passou a valer como se fosse o fato. Era a época da censura e as notícias precisavam de cuidado especial na transmissão para não ferir o militarismo e sua ditadura, sob pena de severas reprimendas por parte do governo. Mesmo durante o regime militar, Leporace manteve seu estilo contundente e irônico, o que lhe causou diversos transtornos com os representantes da censura em exatamente vinte e seis processos por calúnia e difamação, além de algumas prisões. Em Cosso, Andrade e Bianchini (2003, p.15), encontramos a seguinte afirmação de Leporace, quando questionado sobre a auto censura:

A auto censura é condenável, eu uso a auto censura apenas quando o comentário envereda por um caminho tortuoso, um caminho perigoso, se eu prosseguir vou me arrepender, vou ferir alguém, posso ofender, ferir a dignidade de alguém, não tenho a pretensão de ser ofensivo...muita gente atribui isso a uma extraordinária inteligência... a gente do rádio que



Vicente Leporace

Roselita Lopes de Almeida Freitas

improvisa, não dá para “cortar”, no rádio não dá para gravar...receio ser mal interpretado e depois não posso voltar atrás.

Em entrevista a autora, José Paulo de Andrade (2007) afirma:

O Leporace era inigualável! Hoje para as novas gerações é difícil a gente passar o que era o Leporace, porque ele não era somente um jornalista, ele era um artista no microfone; fazia interpretações, brincava, era um “self made men” e um profissional assim que você não encontra. Era excepcional, mas criava alguns problemas. Certa vez, ficou detido na Polícia Federal porque antecipou uma alteração no câmbio dizendo que a moeda brasileira ia ser desvalorizada, na época em que o Delfim Neto era o Ministro da Fazenda e aí o Ministro da Justiça que era o Gama e Silva pediu para enquadrarem o Leporace; e ele ficou sentado três dias na Polícia Federal, não incomodaram, mas ficou lá. No fim saiu de lá sem saber o porquê de ter ido, mas de qualquer maneira foi uma “dor de cabeça” para o João Saad. Mas ele gostava desses desafios.

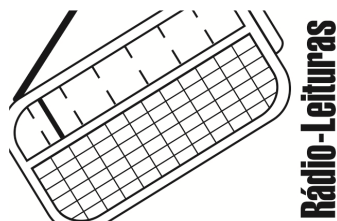
Há em depoimentos de colegas da Rádio Bandeirantes, contemporâneos de Leporace, que afirmam que nesta época, várias vezes ele apresentou seu programa de rádio com uma arma dos militares apontada para sua cabeça.

Segundo Nonô Saad (filha de João Saad), em entrevista a autora (2007):

Ele teve muitos problemas com os militares. Inclusive ele foi preso aqui. Nós morávamos na Rua Higienópolis com a Rua Itacolomi, (SP) e ele ficou preso na Itacolomi - naquela prisão da Polícia Federal. Eu cheguei a ir lá com o papai, levar manta para ele. Mas ele não agüentava, ele cutucava os militares, era irresistível.

Salomão Éspere (2006) e José Paulo de Andrade (2007), seus colegas de Rádio, em entrevista a autora, afirmaram que Saad o ajudava quando ele tinha problemas com a justiça, e concordaram no comentário que seu prontuário no Deops³ - Arquivo do Estado, é bem extenso.

³ Departamento Estadual de Ordem Política e Social, cujo objetivo era controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder.



Em entrevista para o Programa Vox Populi da TV Cultura de São Paulo, em novembro de 1977, Leporace evitou levar a sério as perguntas do repórter sobre a censura e diz:

Os problemas que eu tive com a censura foram insignificantes em relação ao meu volume de trabalho. A única exceção foi uma detenção de 72 horas na polícia Militar, onde fiquei incomunicável, em virtude de uma ordem mal interpretada. Foram dizer ao Ministério da Justiça que eu tinha feito uma referência desairosa ao Brasil. Apesar disso, quando tudo ficou esclarecido, o fato acabou nem figurando no prontuário oficial.

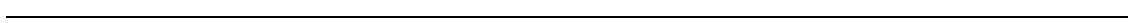
Na mesma entrevista, o repórter perguntou à Leporace se ele era Arena ou MDB, ao que ele respondeu: “Não sou da Arena, nem do MDB, sou Corinthiano!”

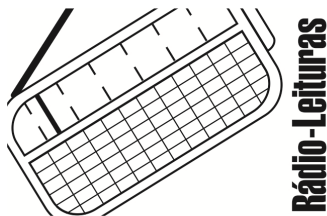
Sob outro ponto de vista de “Justiça”, em entrevista à Cosso, Andrade e Bianchini (2003, p. 22), José Paulo de Andrade, pontuou:

Eu observava coisas que eu acho que ele devia apurar melhor, porque ele era muito emotivo e comprava história dos outros. Então, por exemplo, vinha uma pessoa que ele nem conhecia e contava uma história triste, e ele já comprava aquela história. Comprava, já ia para o ar e arrebatava com a outra parte atingida. Ele acreditava nas pessoas, entendeu? Ele pecava, muitas vezes, por essa boa fé dele. Você contava uma história triste e ele chorava com você.

Para Salomão Éspere (2006), o radialista era uma pessoa sedenta de justiça, que mesmo quando errava, exercia uma sinceridade que ninguém imaginava condenar, e afirmou:

Ele era um sujeito íntegro. Tanto que morreu pobre. Ele podia ter sido candidato a muita coisa, amarrar o cavalo na sombra como muito político faz, mas ele ficou fiel as suas origens.” E ainda: “O Leporace, que era irreverente, falava o que queria, é muito difícil você aceitar que o patrão não tenha permitido isso, por mais importante que seja o jornalista para a casa.





Vicente Leporace

Roselita Lopes de Almeida Freitas

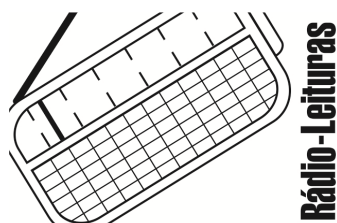
O programa “Trabuco” funcionou na época do governo militar, com um programa de análise e discussão; um espaço onde as classes sociais mais desfavorecidas encontravam voz a seus pedidos e reclamações. Vicente Leporace mostrava-se sempre atencioso, prestativo e, de certa forma, cúmplice da população que o procurava.

Em seu depoimento no programa Vox Populi da TV Cultura, o radialista afirmou que a cada 10 pedidos feitos as autoridades do poder público, 8 solicitações eram atendidas e as duas restantes, prontamente justificadas em sua maioria pela falta de verba. No acervo do Deops, no Arquivo do Estado de São Paulo, encontram-se muitas informações sobre os registros de rádio-escuta e processos que Vicente Leporace teve que responder.

4. Considerações Finais

Vicente Leporace com toda sua história, desde a introdução no mercado profissional, o modo como conduziu sua carreira e o conteúdo de seu programa, mostrou-se mais do que um apaixonado pelo Rádio - apresentou-se nos difíceis tempos de governo militar, como um comunicador criativo e atuante, que era sensível às necessidades da população, muitas vezes arriscando sua liberdade, em favor da liberdade de expressão. É fato que em sua pasta no Deops de São Paulo, constam inúmeros documentos que o comprometeram com o sistema vigente, porém Leporace sempre conseguiu driblar a situação, muitas vezes com o auxílio do patrão – João Saad.

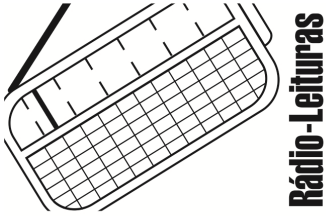
O radialista, falecido em 1978, certamente deixou muita inspiração para outros profissionais da área - quer seja no conteúdo de suas colocações, quer seja na inovação da linguagem radiofônica, quer seja em sua espontaneidade expressiva, mostrando que acreditava que os veículos de comunicação devem existir com um compromisso com a ética e cidadania.



Esse artigo não fecha ou conclui um estudo aprofundado sobre esse cidadão, mas dá-se como parte de um processo que está sendo desenvolvido.

Referências bibliográficas

- CONTI, Mário Sérgio. **Notícias do Planalto**: A Imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1999.
- COSSO, João; ANDRADE, Ricardo Antunes; BIANCHINI, Sandra Maria. **O Trabuco**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2003.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: O Veículo, a História e a Técnica. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2000. JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Ed. Contexto, 2004.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- _____. **A Reportagem**: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa em Jornal. São Paulo: Ed. Record, 2003.
- MARTINS, Fábio. **Senhores ouvintes, no Ar...** A Cidade e o Rádio. Belo Horizonte: Ed. Com Arte, 1999.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. **O Rádio No Brasil**. Rio De Janeiro: Ed. Rio Fundo, 1991.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio**: Os Grupos de Poder e a Determinação dos Conteúdos. São Paulo: Ed. Summus, 1985.
- PARADA, Marcelo. **Rádio**: 24 horas de Jornalismo no Ar. São Paulo. Ed. Panda, 2000.
- PIRES, Thyrso. **Rádio Almanaque Paulistano**. São Paulo: Ed. Thyrso Pires, 1951.
- SAMPAIO, Mario Ferraz. **História do Rádio no Brasil e no Mundo**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1984.
- TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o Rádio Não Contou**. São Paulo. Ed. Harbra, 2ª. ed., 1999.
- VAMPRÉ, Octavio Augusto. **Raízes e Evolução do Rádio e da Televisão**. Porto Alegre : Fundação Educativa Padre Landell de Moura, 1979.



Vicente Loporace

Roselita Lopes de Almeida Freitas

Abstract

Landmark in São Paulo radio journalism in the years 1960 - 1970, Vicente Loporace created and presented the program "Trabuco" for sixteen consecutive years. Presented as an informative morning, the program consisted of daily reading of the news published in major journals of the country, followed by comments and criticisms about the same. The content of these reviews was always acid and with smart considerations and sharp comedic content, the broadcaster approached different situations on the behavior of politicians at the time.

Keywords: Radio journalism, Politics, Language, Radio Bandeirantes, Military Regime

Resumen

Marco en el periodismo de radio de São Paulo en los años 1960 - 1970, Vicente Loporace creó y presentó el programa "Trabuco" durante dieciséis años consecutivos. Presentado como una mañana informativa, el programa consistió en la lectura diaria de las noticias publicadas en las revistas más importantes del país, seguido por los comentarios y críticas sobre la misma. El contenido de estas revisiones fue siempre ácido y con consideraciones inteligente y agudo contenido cómico, el comunicador se acercó a las diferentes situaciones en el comportamiento de los políticos de la época.

Palabras Clave: Periodismo de radio, Política, Lenguaje, Radio Bandeirantes, Régimen Militar